

A CONSTITUIÇÃO DE *CORPORA* ORAIS PARA A ANÁLISE DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Viviane Maia dos SANTOS¹

ABSTRACT: *The objective is to discuss the methodology used for the formation of corpora with the specific aim of capturing interlocutive forms used in interpersonal treatment by random people, but part of formal or informal labor market in a city like Rio de Janeiro the beginning of this century in spontaneous situations of communicative interaction. Even with all the available oral corpora and carefully organized by the nationally recognized Project (NURC, PEUL, VARSUL, etc.), identification of effective strategies in the usual linguistic interlocutive Portuguese of Brazil was hampered by difficulties of various kinds. Consisting mainly of interviews, the strategies of reference to the listener (you, you, you (a), etc.) are candidates in the usual questions asked by any documents not in talks about a very informant. Quando, are instances of a You undetermined. An alternative would be to conduct spontaneous recordings between two people in a casual conversation. The results showed that questions such as: "How do I get X on the Street?" Are an effective way to collect statistically significant data of the linguistic variable.*

KEYWORDS: *formas pronominais; tratamento; corpora*

1. Introdução

O objetivo do presente estudo é discutir a validade da metodologia experimental adotada para a coleta das referências pronominais ao sujeito de 2 empregadas em situações de informalidade em grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro. Atualmente, há um grande interesse por parte dos pesquisadores sobre o mapeamento das formas pronominais de tratamento empregadas por falantes em situações informais de comunicação.

Alguns estudos, como os de (Lopes, 2007; Lopes/Rumeu, 2004) mostram que o processo de gramaticalização ou pronominalização de *você* inicia-se nos séculos XIX e XX. A partir do século XX-XXI, ocorreu a inserção da forma nominal de tratamento *você* no sistema pronominal brasileiro, causando variações geográficas, sociolinguística e, até mesmo determinações pragmáticas se considerarmos a atuação das relações sociais nas escolhas de certas estratégias nominais e pronominais de tratamento. Por outro lado, (Silva, 2000) mostra que o uso majoritário de *tu* – forma recorrente no século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20-30 do século XX. A inserção da forma *você* no sistema pronominal brasileiro não ocorreu da mesma maneira em todas as categorias gramaticais. Consoante Lopes, aparentemente, é na posição de sujeito que a forma *você* se firmará. Com o intuito de estudar as formas pronominais de tratamento na fala carioca atual, para verificar um possível retorno da forma *tu*, Silva (2003) recorreu ao acervo inicial do projeto PEUL/UFRJ. O *corpus* era constituído por 64 entrevistas, gravadas no começo da década de 80 e que constituíram o projeto *Censo da Variação Lingüística no Rio de Janeiro*. A pesquisadora constatou que os empregos de sujeitos de segunda pessoa, e do pronome *tu*, em particular, não correspondiam ao que ela pretendia investigar por se tratar de uso com valor genérico. A autora especulou duas hipóteses para a baixa ocorrência do pronome-sujeito *tu* nesse tipo de *corpus*:

Duas interpretações podem ser arroladas para a parcimônia no uso do pronome *tu* naqueles informantes. Por um lado, tínhamos ali um material representativo dos inícios dos anos oitenta, quando talvez seu emprego não estivesse tão difundido. Por

¹ Mestranda, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

outro lado, poderia estar interferindo também o gênero de discurso – como se sabe, na entrevista sociolinguística não se visa à interação, mas à expressão mais natural possível do falante, com interferências mínimas do entrevistador, para contornar o chamado paradoxo do observador (cf. Labov, 1972.) (Id., 2003, p.162)

Interessante observar que estudos recentes da língua culta falada no Brasil (cf. Ilari et alii, 1996), em diferentes regiões do país, restringem o uso de *tu* ao dialeto sulista, embora até mesmo no corpus Nunc de Porto Alegre a pesquisadora tenha detectado baixa ocorrência da forma pronominal. Para elucidar a questão, seria necessário constituir um *corpus* que adotasse metodologia que viabilizasse a interação comunicativa em situações espontâneas e informais de fala. A ocorrência de uma ou outra forma parece ser condicionada por fatores diversos. Modesto (2006), no litoral paulista; Lucca(2005), em Brasília; Amaral(2004), em Pelotas/RS; Silva (2000), no Rio de Janeiro, entre outros, têm analisado a questão. Esses trabalhos têm demonstrado o favorecimento da forma *tu* em situações mais solidárias e íntimas, principalmente, na fala de jovens do sexo masculino com menor solidariedade. A forma *você*, por outro lado, apresenta um caráter “menos invasivo” e neutro e é geralmente mais utilizada pelas mulheres independente da faixa etária. Outra questão relevante que poderia ser respondida com *corpora* desse tipo é o fato de pesquisas recentes (Duarte, 1993, 1995, 2003; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Kato & Duarte, 2003) mostrarem que a língua portuguesa estaria evoluindo de uma língua de sujeito nulo para sujeito pleno. A redução nos paradigmas pronominal e flexional tem sido apontada como a grande responsável por tal mudança. Nas entrevistas, entretanto, pudemos perceber que o sujeito nulo tem se mostrado uma estratégia recorrente adotada pelos entrevistados. Nossa hipótese é que o tipo de situação criada estaria favorecendo a produtividade da forma. Em interpelações nas ruas, não é possível categorizar socialmente nosso interlocutor. Para evitar a formalidade que se concretiza com o uso de *você* e a intimidade da forma *tu*, o falante talvez empregue o *sujeito nulo*, já que quando se diz: “Vai por ali”, o grau de distanciamento ou proximidade não é definido. Seria esse um contexto pragmático favorecedor da não expressão do sujeito, constituindo um contexto de resistência que poderia atrasar o estabelecimento da língua portuguesa como um língua de sujeito pleno?

Essas e outras perguntas talvez possam encontrar respostas seguras a partir do emprego de metodologia experimental para a coleta de grandes quantidades de formas pronominais de tratamento usuais em situações informais. Vamos ao *corpus* e a metodologia empregada.

2. Metodologia empregada para a constituição do *corpus*

Nosso objetivo, ao constituir o *corpus*, era analisar as estratégias interlocutivas de que dispõe os falantes cariocas para se referirem a seus interlocutores em situações informais de fala. O local escolhido para a realização das entrevistas foi o Centro da Cidade do Rio de Janeiro, que emprega quase 400 mil trabalhadores vindos de diferentes localidades. As entrevistas seriam rápidas e anônimas. A pesquisadora (universitária de aproximadamente 27 anos à época das entrevistas), que foram realizadas entre os anos de 2006 e 2007, utilizava um pen drive, como se estivesse ouvindo música. A escolha dos informantes se deu de duas maneiras: em uma primeira etapa de gravações, foram gravados ambulantes, vendedores e gerentes pertencentes a três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a e 56 em diante) e aos dois gêneros, para que se pudesse verificar se se tratava de uma mudança em progresso. Foram feitos dois tipos de pergunta. Para os gerentes, gravados em seus ambientes de trabalho, foram feitas perguntas do tipo: “Como eu faço para abrir uma conta?”. Para os vendedores, por outro

lado, foram feitas perguntas do tipo: “Que tipo de vestido eu poderia usar em uma festa que acontecerá em um barco?” e, para os ambulantes, “Onde é a rua do Acre?” ou “Como eu faço para chegar à rua do Acre?”. Durante as entrevistas anônimas, a entrevistadora evitava adotar alguma forma pronominal de tratamento para não influenciar seu interlocutor. Ao total foram realizadas 34 entrevistas espontâneas. A tabela abaixo mostra a quantidade de ocorrências de sujeitos explícitos de 2 pessoa seguida de trechos de entrevistas dos ambulantes:

Tabela 1: Frequência de uso dos sujeitos *tu* e *você*

Sujeitos expressos	Ocorrências %
Tu	45/
Você	226
Total	271/100%

[1] Gravação realizada na Rua Almirante Barroso, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2007. Ambulante adulta e transeunte adulto

V.: oi dá licença como eu faço para ir daqui até a Central?

(...)

A.: para barca *você* vai direto aí na quarta rua você entra você vai vê logo as barcas na Praça XV o último sinal você pega a esquerda tu vai ver logo a barca as barcas

V.: e de lá de Niterói tem ônibus para Alcântara?

A.: *tu* vai ver lá

[2] Gravação realizada na Rua Almirante Barroso, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2007. Entrevistado: ambulante, idoso.

V.:Oi:: oi bom dia como eu faço para ir daqui até a Central?

A.: O que *você* quer ir de ônibus ou quer ir a pé?

V.: eu quero ir a pé porque eu estou sem dinheiro

A.: *tu* vai aqui ó direto até no final da rua tu entra para a esquerda aí até nas barcas Praça XV direto

A tabela abaixo mostra um panorama dos usos realizados pelos entrevistados:

Tabela 2: Panorama geral do uso de *Você* e *Tu* na amostra de gravações no centro do RJ.

Corpus 2006- 2007	Gênero Masculino			Gênero Feminino		
	Gerente	Vendedor	Ambulante	Gerente	Vendedor	Ambulante
Jovem	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você/Tu</i>
Adulto	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Você/Tu</i>
Idoso	-	<i>Você</i>	<i>Você/Tu</i>	-	<i>Você</i>	<i>Você</i>

As escolhas lingüísticas dos entrevistados evidenciam, em linhas gerais, a) generalização de *você* entre gerentes e vendedores, independente do gênero, mantendo-se como forma canônica da urbe carioca [-marcado]; b) mulher-gerente utilizando *você* e *tu*; c) predomínio da variação *você* e *tu* entre vendedores ambulantes com algumas restrições: homens jovens empregando apenas *tu*; mulheres idosas somente *você*; adultos, independentemente do gênero, empregam ora *tu* ora *você*.

Em princípio, com base nesse quadro geral que leva em conta categorias externas, o uso de *tu* estaria associado à atividade profissional de menor prestígio dentre as três controladas. Esses resultados quantitativos, grosso modo, indicariam o emprego de *tu* com desinência zero no Rio de Janeiro como traço sócio-indexical característico de falantes menos escolarizados em situações comunicativas [- formais]. Entretanto, as variantes *você~tu* também foram utilizadas por uma gerente de banco, atuação profissional que exige, por outro lado, um comportamento lingüístico [+ formal, - solidário, - simétrico, - íntimo, - proximidade] pelo fato de o nível de interação ser transacional e não interpessoal. Abaixo, fragmento da entrevista:

[3] Gerente de bancos, sexo feminino, Rio de Janeiro, outubro de 2006, Centro da Cidade do Rio de Janeiro

D.: oi tudo bom?

G.: tudo

D.: **você** é gerente da minha e eu vim aqui hoje para cancelar

G.: cadê o:: o número da conta

D.: aqui ó eu acabei de tinha um um saldo devedor aí eu acabei de fazer um depósito (...) tem o comprovante né esta aí o número da conta

D.: **você** fez no caixa automático?

D.: fiz fiz agora no caixa eco/ no caixa eletrônico

G.: tá depois que (processar) eu vou te dar um número que aí **você** liga para lá para cancelar pode se pelo telefone (...) depois pode deixar entrar isso aí hoje à noite amanhã **você** liga

D.: está está ótimo e:: olha só com relação também eu queria saber ao empréstimo que eu tenho esse valor vai ser vai ser

G.: é débito na tua conta?

D.: é debitado na conta

G.: então **você** não pode encerrar como é que **tu** vai encerrar uma conta se não vai vai bater o débito automático vai reativar a conta tem que acabar de pagar

D.: ah é? Para poder

G.: para poder encerrar eu ia te dar o número mas não adianta(...) porque se não reativa a conta vai bater vai (...)

D.: aí não pode enviar para minha casa diretamente o extrato

G.: não o extrato envia para sua casa só não envia o é:: para pagamento que tem depositar todo mês para poder ir pagando as parcelas

D.: então mas aí

G.: (...) quando **você** terminar de pagar **você** pede o encerramento da da conta

D.: da conta mas aí não pode ser isso enviado com extrato para minha casa que aí eu venho ao banco e pago

G.: boleto?

D.: é um boleto bancário

G.: (...) débito em conta não pode passar para boleto

D.: não pode fazer essa alternância

G.: a não se que **você** consiga se **você** conseguir ligar e pedir para isso que dizer é:: (...) lá no zero oitocentos **você** tem senha do telebanco?

D.: acho que não ...

G.: se **você** quiser fazer ali agora ela faz na hora para **você** eu queria fazer a senha do telebanco (...) aí **você** liga lá para o telebanco e pedi para fazer:: o:: para passar para boleto se conseguir passar para boleto aí sim **tu** pode encerrar a conta não tem problema mas se não conseguir **você** tem que esperar acabar (...) falta muito?

D.: falta faltam algumas parcelas ... aí eu (...)

G.: muita coisa assim?

D.: é:: eu queria saber para poder cancelar logo entendeu?

G.: vê se

D.: a conta para eu não ficar pagando toda hora manutenção de conta já que eu não vou precisar mais a não ser para pagar essa conta podendo enviar para minha casa como boleto bancário entendeu? Eu quero me livrar disso

G.: **você** está pagando quanto de tarifa? (...)

Idiosincrasia ou um momento de maior intimidade entre as duas? Seria esse uso motivado por que fatores?

3. Os advogados

Um resultado isolado e a intuição do pesquisador poderão mudar o rumo da pesquisa, sem que signifique aumento de custo. A metodologia poderá ser refinada e, a partir de uma determinada posição, pode-se dar início a uma nova etapa de gravações, para que o resultado possa ser testado. Outra vantagem do método é o fato de as entrevistas durarem apenas cinco minutos em média e renderem uma quantidade expressiva da variável que se quer analisar. Argumenta-se que, em entrevistas desse tipo, o controle sociolingüístico fica prejudicado, já que as entrevistas são anônimas. Uma medida que poderia contornar esse problema é criar um espaço no site das universidades para que as pessoas entrevistadas nas ruas possam informar, posteriormente, seus dados. Nesse momento, poder-se-ia verificar todas as variáveis sociolingüísticas necessárias: idade, grau de escolaridade, naturalidade etc. Também poder-se-ia pedir que os transeuntes autorizem a utilização do material para a pesquisa, como já está sendo feito no Rio de Janeiro.

O uso não padrão da forma *tu* pela gerente de gênero feminino, por exemplo, fez com que outra rodada de gravações fosse feita. O alvo seriam os falantes de nível superior. Mas como saber que um transeunte tem nível superior? A maneira escolhida foi entrevistar um grupo ocupacional bem marcado no Centro do Rio de Janeiro, os advogados. Algumas medidas foram adotadas para tentar identificá-los. O objetivo era também gravar informantes de três faixas etárias e dos dois gêneros. As gravações foram feitas no ano de 2008. Abaixo, os critérios empregados para a seleção dos informantes:

1) Escolher informantes que se apresentassem socialmente como advogados. Analisou-se a roupa, a atitude, o local, onde entrevistado circulava, etc.

2) Buscou-se criar uma situação de informalidade, efetuando perguntas do tipo: Como eu faço para chegar à Rua do Fórum?

3) Para confirmar as impressões visuais sobre o entrevistado, buscou-se incluir como tema da conversa algum assunto relacionado à atuação jurídica. Como mostram os exemplos de [4] a [5] abaixo:

[4] (Gravação 34. Possível advogada adulta, muito bem vestida. Foi entrevistada em frente ao Fórum no Centro).

F1.: Oi senhora dá licença boa tarde eu vim ali do::: prédio da Justiça do Trabalho só que me disseram que não é para lá::: você sabe conhece um outro prédio aqui no Centro que seja da Justiça do Trabalho.

[5] (Gravação 47. Advogado idoso. Foi entrevistado próximo ao Fórum no Centro).

F1.: É porque eu entrei com um processo contra a empresa onde eu trabalhei.

F2.: Ah::: então não é o Fórum é Justiça do Trabalho.

4. As estratégias de interpelação: o cumprimento e a polidez

Outra questão importante era adotar uma estratégia de interpelação que viabilizasse um tempo considerável de interação entre a pesquisadora e os entrevistados. Para isso, foram adotadas duas formas de interpelação: cumprimento e polidez. Abaixo, estão descritas algumas as abordagens que a pesquisadora utilizou nas entrevistas com os *advogados*:

[6] (Gravação 37 secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistada uma mulher de aproximadamente 30 anos, muitíssimo bem vestida, aparentando ser advogada.)

F1.: Oi (cumprimento) senhora dá licença (polidez) boa tarde (cumprimento). Eu vim ali do::: prédio da Justiça do Trabalho só que me disseram que não é para lá:: você sabe conhece um outro prédio aqui no Centro que seja da Justiça do Trabalho? (fala da pesquisadora)

[7] (Gravação 37 secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistado um homem idoso, aproximadamente 65 anos, vestido de terno.)

F1.: Senhor boa tarde (cumprimento) dá licença (polidez). Qual é o outro prédio da Justiça do Trabalho aqui no Centro sem ser aquele ali? (fala de pesquisadora)

[8] (Gravação 42 secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foram entrevistados dois advogados, um jovem e outro adulto.)

F1.: Com licença (polidez) boa tarde (cumprimento). Onde é o fórum aqui no Centro? (fala da pesquisadora)

[9] (Gravação 43 secreta realizada no centro do Rio de Janeiro em maio de 2008. Foram entrevistados dois advogados, uma advogada jovem e um advogado adulto.)

F1.: Oi (cumprimento) boa tarde (polidez). Sabe onde é o Fórum aqui no Centro? (fala da pesquisadora)

[10] (Gravação 44 secreta realizada nas ruas do Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de 2008. Foi entrevistado um advogado aparentando ter menos de 30 anos de idade.)

F1.: Oi (cumprimento) dá licença (polidez). Sabe como eu chego ao fórum aqui no Centro? (fala da pesquisadora)

[11] (Gravação 45 secreta realizada nas ruas do Centro da cidade do Rio de Janeiro. Foi entrevistado um advogado idoso.)

F1.: Oi (cumprimento) dá licença (polidez) boa tarde (cumprimento). Como eu faço para ir ao Fórum daqui? (fala da pesquisadora)

[12] (Gravação 47 secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistado um advogado idoso.)

F1.: Senhor (vocativo) boa tarde (cumprimento). Como eu faço para ir daqui ao Fórum? (fala da pesquisadora)

[13] (Gravação 57 secreta realizada no Centro do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistada uma advogada adulta)

F1.: Ai senhora (vocativo) boa tarde (cumprimento) dá licença (polidez) daqui como eu faço para ir para a Justiça do Trabalho? (fala da pesquisadora).

Pelos exemplos de [6] a [13], pode-se perceber que as estratégias de interpelação empregadas pela pesquisadora foram, de maneira geral, a combinação das formas cumprimento e polidez. Em alguns casos, adotou o vocativo senhor(a), quando o interlocutor aparentava ser da faixa três ou para denotar respeito. Como os entrevistados eram advogados, pessoas que andam apressadas nas ruas do centro, a pesquisadora buscou cativá-los, utilizando formas de cerimoniais de abordagem para interpelá-los, já que o objetivo era criar um clima de informalidade e intimidade. Porém, o que se percebe é que mesmo adotando

a mesma estratégia com todos os entrevistados nem todos a consideraram íntima e mantiveram uma postura de distanciamento e formalidade, materializada nos diversos usos lingüísticos. Por outro lado, em alguns casos, em que o esperado era a formalidade, o entrevistado mostrou-se extremamente informal, como mostra o exemplo abaixo:

[14] F1.: Ai senhora boa tarde dá licença daqui como eu faço para ir para a Justiça do Trabalho?

F2.: Justiça do Trabalho? Tu vai ter que::: entrar aqui nessa rua e Ø ir toda vida aqui oh::

F1.: Subindo aqui né?

F2.: É:: tu vai pegar o Fórum é melhor você ir perguntando passou daquela esquina ali

O método empregado também se mostrou eficaz para a coleta dos dados. Embora não seja possível ter certeza de que os falantes são advogados, podemos especular que as pessoas tendem a se acomodar à comunidade de fala a que pertencem. Nesse sentido, um auxiliar de cartório ou qualquer outro funcionário que atue no Fórum, não tenderiam a empregar as variantes que gozam de prestígio no meio em que eles atuam? Outra questão que se coloca é que o modelo da Sociolingüística quantitativa postula que seriam necessários ao menos cinco falantes por célula, para que se possam fazer afirmações sobre os fenômenos variáveis de forma segura. Essa exigência acaba por gerar um grande custo para o projeto. As entrevistas têm, em média sessenta minutos, e o pesquisador precisa conseguir uma grande quantidade de material sem perturbar a naturalidade do evento comunicativo, mesmo tendo de participar da entrevista com o uso de um gravador. Esse método mostrou que é possível em menos de cinco minutos coletar uma quantidade razoável de dados e que o pesquisador não precisa preocupar-se com o chamado paradoxo do observador, já que o informante não sabe que está sendo gravado. Esse tipo de situação de entrevista fez com que o uso do pronome-sujeito *tu* não padrão, ou seja, o uso da forma *tu* com a marca flexional de terceira pessoa fosse captado, embora a fala fosse de informantes com maior grau de escolaridade, os advogados.

Em estudo realizado em lojas de departamento na cidade New York, Labov (1968) mostrou que eventos de fala rápidos e anônimos poderiam ser usados como base para um estudo sistemático da língua. Com base em 70 entrevistas individuais e uma grande quantidade de observações anônimas em lugares públicos, foi possível constatar que a variável fonológica (r) em posição pós-vocálica é um diferenciador social em todos os níveis da fala de New York e que eventos de fala rápidos e anônimos poderiam ser usados como base para um estudo sistemático da língua. Foram entrevistados vendedores de lojas com status diferenciados: alto, médio e baixo. O entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente e fazia perguntas do tipo: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos”. O objetivo era fazer com que os entrevistados falassem: quarto andar “Fourth floor”. Logo depois, o pesquisador se inclinava para frente e dizia: “Como?”, para que o entrevistado repetisse sua fala, agora em estilo monitorado com acento enfatizado. Logo depois, o entrevistador movia-se ao longo da seção da loja até um ponto fora da vista do informante e tomava nota por escrito do dado. Empregando tal método, conseguiu coletar uma grande quantidade de dados. Algumas informações sociais sobre as lojas, como a localização, as instalações físicas, o preço dos produtos vendidos, os jornais em que anunciavam etc. tornaram possível inferir, com alguma segurança, o perfil sociolingüístico de seus vendedores. Segundo Wright Mills (1956), vendedores em grandes lojas de departamento tendem a se apropriar do prestígio de seus clientes; exibindo ou, pelo esforço, para exibir as variantes que gozem de prestígio. Como se vê, o controle sociolingüístico pode ser realizado de forma indireta e, nem por isso, menos segura. Esse estudo mostrou que é possível

constituir *corpora* a partir de eventos de fala anônimos e rápidos, estratégia adotada para a constituição do *corpus* aqui apresentado.

5. Possibilidades de uso do material

Como dito anteriormente, Pesquisas recentes (Duarte, 1993, 1995, 2003; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Kato & Duarte, 2003) apontam para o fato de a língua portuguesa estar evoluindo para uma língua de sujeito pleno. O *corpus* constituído também poderia fornecer dados para uma melhor compreensão do fenômeno. Nas entrevistas realizadas com os *advogados*, foi comum o uso do sujeito nulo como estratégia de referência ao interlocutor. Foram entrevistados dez possíveis advogados, sendo três mulheres (uma da faixa etária 1 e duas da faixa 2) e sete homens (dois da faixa 1, 2 da faixa 2 e 3 da faixa três)

A tabela apresenta a distribuição geral das ocorrências de sujeito nulo e pleno na amostra da fala dos advogados:

Tabela 3 : *Você, tu e o sujeito nulo* na posição de sujeito na fala dos advogados

	Tu (pleno)	Você (pleno)	Sujeito nulo (Ø)
Ocorrências	15	83	52
%	10	55	35

A tabela 3 nos mostra que o sujeito nulo apresenta grande produtividade como uma possível estratégia de referência ao interlocutor. Nossa hipótese é que o falante, ao não expressar foneticamente o pronome sujeito, pode evitar a expressão de valores como a solidariedade e a informalidade materializadas no uso da segunda pessoa pronominal *tu* e a neutralidade e formalidade da forma *você*. Como se vê, a inserção da forma *você* no paradigma pronominal brasileiro gerou, além de repercussões gramaticais, novos desafios à comunidade acadêmica brasileira para a compreensão do fenômeno.

6. Considerações finais

Os resultados obtidos revelam que entrevistas anônimas e secretas podem ser ótimas estratégias para se observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista para ver como as pessoas usam a língua em contexto, quando não existe observação explícita. O controle sociolinguístico, que antes era citado como o grande argumento contrário à adoção de metodologias desse tipo, poderá ser feito, já que os pesquisadores poderão contar com ferramentas tecnológicas, como a internet e o pen drive, que viabilizam a execução deste tipo de pesquisa. As universidades poderão disponibilizar espaços em seus sites oficiais para que os entrevistados possam informar seus dados, como a idade, grau de escolaridade etc., o que dará maior credibilidade à pesquisa. É importante destacar que as observações empíricas adquiridas durante as entrevistas poderão propiciar uma pesquisa sociolinguística mais ampla. Essa metodologia mostrou ser possível coletar uma grande quantidade de dados em pouco tempo de entrevista, e que é possível entrevistar um número significativo de informantes, o que viabiliza a pesquisa também em termos financeiros. Perguntas do tipo: “Como eu faço para ir para rua X?” mostram-se excelentes estratégias para verificar as formas pronominais de tratamento empregadas pelos falantes em situações de informalidade na atual sincronia.

Referências

- DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- DUARTE, M. Eugênia L.: “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128, 1993.
- ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos & NEVES, Maria Helena. Os pronomes pessoais do português falado : roteiro para análise. In.: CASTILHO, Ataliba & BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado IV*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2004.
- LUCCA, Nívia Neves Garcia. *A variação tu/você na fala brasileira*. Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB, 2005.
- LOPES, C. R. S.: “*Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted*: o percurso evolutivo ibérico”. *Lingüística - publicação da ALFAL*, vol. 14, 2003.
- _____, C. R. S. : “Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX.” In: Guiomar Ciapuscio; Konstanze Jungbluth, Dorothee Kaiser; Célia Lopes. (Org.). *Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana, 2006, v. 107.
- _____, C. R. S.: “O quadro dos pronomes pessoais”. In: Silvia Rodrigues Vieira; Silvia Figueiredo Brandão. (Org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, v. 1, p. 151-178. _____ & DUARTE, M. E. L.: De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. BRANDÃO, S.F. e MOTA, M.A. (Orgs.) *Análise contrastiva de Variedades do Português: Primeiros estudos*. Rio de Janeiro, In-fólio, p. 61-76, 2003.
- _____, C. R. S. ; MACHADO, A. C. M. : “Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós”. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, v. , p. 45-66.
- LABOV, W. . “A estratificação social do (r) nas loja de departamentos na cidade de Nova York”. In: *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 63-90.
- LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasileira*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Curso de Pós-graduação em Lingüística. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília. 2005.
- MACHADO, Ana Carolina Morito: *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.
- MENON, Odete da S. P.: “O sistema pronominal na região sul”. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 510-512, 1997
- _____. “O sistema pronominal do português”. *Revista Letras*, Curitiba, nº 44, p.91-106, 1995.
- _____ & Loregian-Penkal, Loremi : “Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil”. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. 147-188, 2002.

- MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos* – SP. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- MOTA, Maria Alice. “A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG). Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Estudo Lingüísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.
- PAREDES SILVA, Vera L.: ‘A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX’. *II Congresso Nacional da Abralín* (CD-rom), 2000.
- _____. “O retorno do pronome *tu* à fala carioca”. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 160-169, 2003.
- PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Concordância verbal como pronome ‘tu’ na fala pessoense. In.: Anais do Congresso da Abralín. 1999.
- SOARES, Maria Elias. Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC/Rio. 1980.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. : “Empirical foundations for a theory of language change.” In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.